

Países imperialistas hostilizam Moçambique

● Denuncia Ministro Joaquim Chissano em entrevista à RM

Uma série de obstáculos artificiais criados pelos países imperialistas nas suas relações com a República Popular de Moçambique induzem a pensar que «foram impostas sanções indirectas contra o nosso País, em vez de imporem sanções contra a África do Sul» — esta é a tónica colocada pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, numa entrevista concedida à Rádio Moçambique.

Austral, o Ministro Chissano começou por afirmar que aquele encontro «resultou num aumento do apoio aos movimentos de libertação» na zona.

O Chefe da diplomacia moçambicana descreveu que os participantes se tinham expressado com uma convicção que «faz prever de

Na entrevista concedida após o seu regresso de Roma, onde decorreu uma conferência de solidariedade para com os Povos da África



«Os países imperialistas impõem-nos pré-condições para a cooperação, condições que estão fora do normal aos princípios universais reconhecidos.» — Ministro Joaquim Chissano

certa maneira o desenvolvimento de um trabalho mais concreto e de impacto internacional» que transcenderá as outras conferências de 1970 e de 1978.

«Esta conferência tinha um carácter humanitário mas foi absorvida por grandes questões da África Austral, questões que influenciaram o encontro para terminar com uma feição política». Os participantes concluíram que existe uma estreita ligação entre a luta

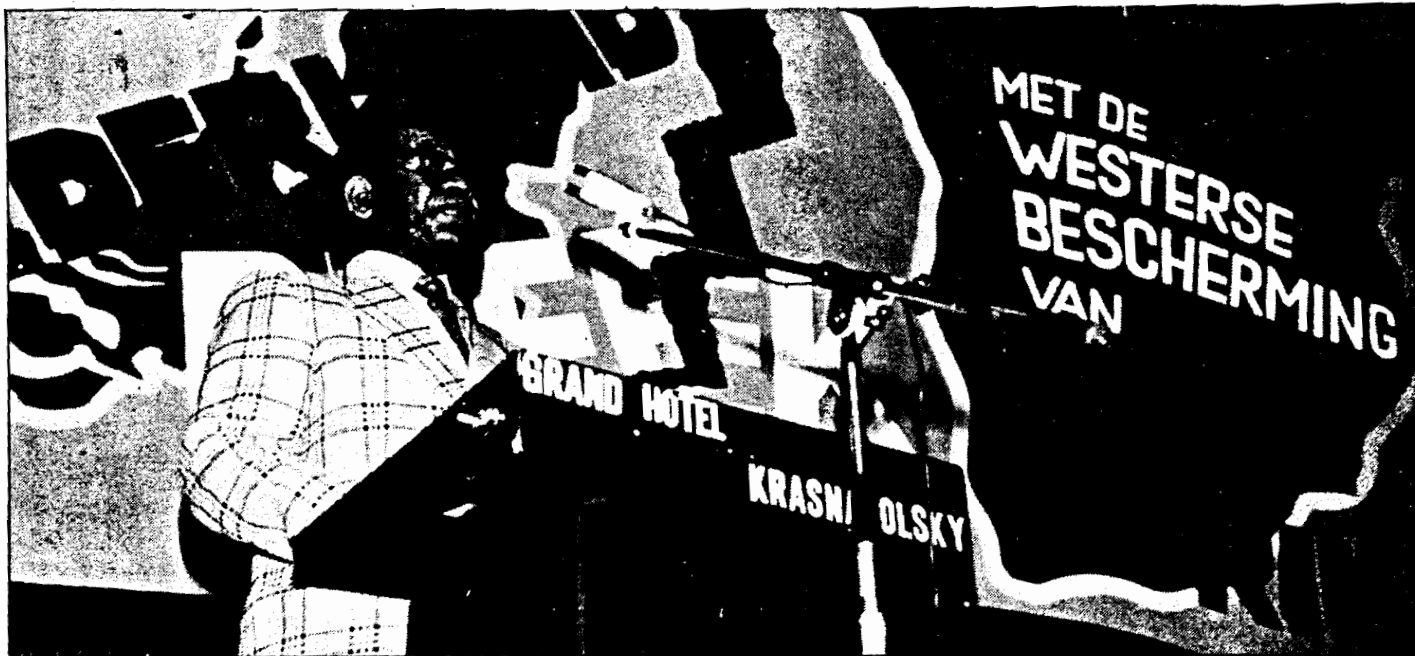
quentemente agredidos pela África do Sul. «Por isso não há dúvida nenhuma de que há uma forte sensibilidade na Europa contra as agressões racistas». As organizações progressistas procuram levar a cabo algo concreto para travar estes actos de agressão.

«Neste caso de solidariedade pela luta de libertação na Namíbia e África do Sul tem um profundo significado para nós porque a libertação da Namíbia eliminará

que acrescentou: «essas manifestações e mensagens de solidariedade para com a Namíbia e a África do Sul são também uma forma de solidariedade para com a República Popular de Moçambique».

SANÇÕES CONTRA MOÇAMBIQUE

O Presidente Samora Machel falou recentemente do apoio que os países imperialistas dão aos



Oliver Tambo, Presidente do ANC numa jornada de solidariedade para com os Povos da África Austral realizada na Europa. Segundo o Ministro Joaquim Chissano, a conferência de Roma virá a ter maiores repercussões que as precedentes

de libertação na África Austral e a luta pela paz mundial. «E isso foi expresso por todos aqueles que intervieram, de uma maneira muito convincente».

Respondendo a uma pergunta sobre a relação directa que há entre a conferência e Moçambique, Joaquim Chissano, afirmou terem sido dirigidas «mensagens de solidariedade aos países da Linha da Frente, principalmente, Angola e Moçambique que são mais fre-

uma base a partir da qual a África do Sul lança os seus ataques contra a República Popular de Angola. E a libertação da África do Sul quer dizer que o imperialismo perderá a sua base avançada para agredir os países da África Austral e isso também criará condições para coordenarmos esforços para o desenvolvimento económico, para consolidar a independência económica em relação ao imperialismo», disse Joaquim Chissano

bandos que atacam o Povo moçambicano e referiu igualmente que a RPM está a ser submetida a uma guerra económica pelos países capitalistas. Como se pode interpretar estas afirmações?

A esta questão, o Ministro dos Negócios Estrangeiros explicou que Moçambique está de facto a ser atacado por «bandidos que são treinados e equipados pela África do Sul que é a base avançada do imperialismo na África Austral.

Por exemplo, em Angola, os bandidos são directamente apoiados pelos países imperialistas. Podemos ver países ocidentais a manter conversações em grandes capitais, tais como, Washington».

Abordando em particular a situação de Moçambique, o titular da pasta dos Negócios Estrangeiros descreveu que «no nosso caso eles (os bandidos) têm uma boa base na África do Sul. Os grupos de bandidos são treinados em todos os aspectos na África do Sul e infiltrados em Moçambique e dirigidos nos seus actos de banditismo pelos sul-africanos».

O Major-General, Joaquim Chissano referiu que temos encontrado dificuldades em cooperar com alguns países imperialistas porque eles impõem-nos pré-condições para a cooperação. Condições que estão fora do normal em relação àquelas que outros países impõem para uma boa cooperação e que são universalmente reconhecidas. Nós não chamaríamos a isso pré-condições, mas princípios aceites por todos, tais como, neutralidade, vantagens recíprocas e igualdade».

«Mas, prosseguiu o Ministro Joaquim Chissano, nós vemos que alguns países ocidentais forçaram-nos a aceitar pré-condições para a cooperação, ou então exigem que nós pertençamos a certas instituições ou a aderirmos a certos pactos aos quais não estamos interessados em participar». Pode-se ser tentado a pensar que aqueles países «estão certos porque caso nós não participemos em tais instituições se torna difícil para eles a

cooperação, mas este não é o caso porque eles cooperam com países que não fazem parte das suas instituições, incluindo a África do Sul com a qual cooperam sem qualquer obstáculo».

Dando um exemplo concreto aludiu aos Estados Unidos. «Outra vez vemos países como os Estados Unidos que trocam os argumentos dia após dia com o fim de justificar a não cooperação com a RPM. Eles começaram por informar que nós recusámos direitos humanitários em Moçambique; depois mudaram para o problema de indivíduos que tomam posições contra os Estados Unidos. Não reconhecem que nós devemos tomar posições à nossa responsabilidade nas diversas questões internacionais. Dizem que nós tendemos mais para o alinhamento do que para o Não-Alinhamento. Enquanto defendemos a nossa segurança, pensam que estamos contra eles tal como no caso dos agentes da CIA em Moçambique. Fazem tudo isso só para recusarem cooperar com a RPM.

Joaquim Chissano considerou que estas atitudes enquadram-se numa «tentativa dos países imperialistas para impedir o rápido desenvolvimento e fazer malograr os planos de desenvolvimento». Há «alguns países que assinam acordos mas no caminho da sua implementação criam obstáculos». Estas manobras imperialistas fazem também sentir no âmbito da SADCC. Assim, «somos levados a pensar que foram impostas sanções indirectas contra o nosso País em vez de imporem sanções contra a África do Sul».

Frisando o exemplo das agressões sul-africanas contra pontos nevrálgicos da economia nacional, incluindo os caminhos de ferro, declarou que estas visam «diminuir

a importância do sistema de transportes o qual liga a costa de Moçambique aos países do «hinterland». Portanto, um aspecto sensível da SADCC está a constituir um alvo para aqueles que tentam parar ou retardar o nosso desenvolvimento económico».

O Ministro dos Negócios Estrangeiros fez notar que havia mais exemplos para provar a guerra económica imperialista contra Moçambique. Sublinhou, contudo, que Moçambique continua firme nos seus objectivos de reduzir a dependência em relação à África do Sul.

EMBARGO CONTRA A AFRICA DO SUL

Na entrevista também foi perguntado ao Ministro dos Negócios Estrangeiros se a posição de Moçambique quanto às sanções contra a África do Sul tomada em Novembro de 1980, havia mudado, ao que Joaquim Chissano respondeu que a RPM continua a defender a aplicação destas medidas.

Depois de falar da situação específica de Moçambique que além do aspecto geográfico possui laços comerciais com a RSA herdados do colonialismo, o Chefe da diplomacia moçambicana disse que não «podemos conseguir aplicar sanções directamente e imediatamente contra a África do Sul». Contudo «somos a favor da implementação das sanções».

Advertiu que não «admitimos que países impeçam a aplicação das sanções contra a África do Sul a pretexto de nos proteger. É errado pensar que estão a proteger-nos através de uma contínua cooperação com a África do Sul. Se eles quisessem de facto proteger-nos a primeira coisa que deviam fazer seria cooperar connosco para reduzir a dependência em relação à África do Sul».

Xavier Tsenane